

Ironia do destino

Nunca entendi a luta pela sobrevivência nos filmes de apocalipse. De que me adiantaria viver depois do fim do mundo? Lutar todos os dias para ficar vivo, sendo que, mesmo se eu sobrevivesse, provavelmente ficaria sozinha.

Pensava Catarina, enquanto vasculhava os armários em busca de uma arma.

Alguns dias antes, ela viu uma notícia na televisão: durante uma necropsia, um morto reviveu e mordeu os legistas, que começaram a apresentar sintomas de infecção e foram internados.

Após alguns exames, identificaram que aquela infecção era causada por um vírus desconhecido até então, que agia muito rápido. Após 48 horas, mesmo com todos os tratamentos que os médicos puderam tentar, os legistas morreram.

O “morto” que eles estavam examinando apresentava os mesmos sinais da infecção, mas, apesar de se mover e sentir fome, ele não tinha batimentos nem respirava. Teoricamente, não estava vivo.

Será que o futuro vai ser tão previsível assim? A vida se tornou o roteiro de um filme de terror? Catarina se perguntou quando viu a notícia.

A resposta era sim. Em poucos dias, vários mortos começaram a sair de seus túmulos, inclusive os legistas que haviam sido mordidos.

Os cientistas tentavam explicar o que estava acontecendo, diziam que o novo vírus assumia o controle do cérebro do indivíduo quando ele estivesse quase morto, mantendo apenas algumas funções ativas.

Mas nada disso importava para Catarina, a única coisa que importava era que o apocalipse zumbi havia começado, e ela precisava decidir o que fazer.

Precisava ir atrás de suprimentos e armas.

“E se eu for atacada no caminho?” Se perguntou. “Não, é melhor eu ficar em casa até tudo se acalmar”.

Mas não vai se acalmar, vai? As coisas só vão piorar, e nada impede que esses monstros entrem na minha casa.

Depois de muito pensar, ela decidiu ir até a delegacia do outro lado da rua. Não tinha um plano, mas precisava de uma arma.

Por sorte, ela não precisou de um plano, o caos era tão grande na cidade, que todos os policiais estavam fazendo ronda e perseguindo zumbis, não havia ninguém na delegacia.

Ela entrou, encontrou o armário dos policiais e começou a procurar. Não demorou muito para achar uma pistola carregada. Pegou a arma e voltou para casa.

Alguns zumbis a seguiram, mas, por sorte, eram lentos demais.

Ela entrou na casa e eles ficaram do lado de fora, batendo no portão. Mas não importava, eles poderiam fazer quanto barulho quisessem, já era tarde. Não poderão me infectar.

Ela pensou, enquanto se sentava confortavelmente no sofá, e apontava a arma para a própria cabeça. “Não tenho porque lutar pela minha vida, o mundo acabou, e eu acabarei junto”

Ela puxou o gatilho, mas a arma travou. Puxou de novo, e de novo, no entanto, nenhum tiro saiu.

Muito brava, jogou a arma no chão, e começou a pensar no que faria.

Remédios... já ouvi sobre pessoas que se suicidaram com remédios...

Ela correu para a cozinha para pegar todos os remédios que tinha. No entanto, ao abrir o armário, se lembrou que havia dado seus remédios para sua irmã, pois o filho dela ficou doente na semana anterior.

Desde então, não fora a farmácia, logo, o armário estava vazio.

Perdendo a paciência, ela decidiu subir no prédio que ficava ao lado de sua casa. Pela escada de emergência, ela subiu até o telhado, pensou em se jogar, mas viu que lá embaixo havia muitos zumbis, e ela não queria arriscar sobreviver a queda e ser devorada viva.

Então, correu para o outro lado do prédio e se jogou sem pensar duas vezes.

Quando caiu, sentiu uma coisa macia contendo sua queda. Olhou para baixo, e viu que caíra em cima de um colchão, daqueles usados por dublês em filmes.

“Só pode ser sacanagem!”

Furiosa, ela voltou para casa dando a volta no quarteirão, para desviar dos zumbis.

Ao chegar lá, acendeu as quatro bocas do fogão e fechou todas as janelas e portas, para conter o gás. Depois pegou seu isqueiro, se aproximou do fogão e tentou acendê-lo várias vezes, mas não funcionava.

Foi quando se lembrou da caixa de fósforos na gaveta da pia. Pegou a caixa, abriu, e, ao andar em direção ao fogão, bateu o braço na quina da pia, fazendo com que todos os fósforos caíssem dentro d'água.

Ainda, sim, ela tentou acendê-los, mas nenhum funcionou.

“Eu desisto” pensou, frustrada.

Por fim, Catarina destrancou a porta de sua casa e a abriu com tudo, fazendo o máximo de barulho que pôde.

Todos os zumbis que estavam na rua se viraram para ela, e vieram em sua direção, enquanto ela abria o portão e saía para a rua.

Os zumbis estavam se aproximando, e ela começou a tremer de medo. Tentando se convencer de que aquilo seria rápido, que logo estaria livre, ela ficou ali, parada.

De repente, surgiu um barulho no céu, e todos os zumbis se viraram para olhar para cima, desistindo de atacar Catarina, que, naquele segundo, suspirou aliviada.

Vários aviões do exército passaram pelo céu, indo e voltando várias vezes, enquanto jogavam um líquido fedido que Catarina não soube reconhecer.

Assim que o líquido atingia os zumbis, eles começavam a cair no chão e se contorcer por alguns minutos, até morrer.

Sem saber se aquele líquido era perigoso para ela ou não, Catarina correu de volta para dentro de casa, e ficou observando tudo pela janela.

Algumas horas depois, o governo exibiu uma mensagem em todas as emissoras de TV, dizendo que o vírus fora contido e todos estavam a salvo.



Vicente e seu estagiário, Guilherme, haviam chego na cidade naquela manhã para fazer mais um trabalho.

— O nome dela é Claire, ela foi possuída alguns dias atrás enquanto fazia uma brincadeira de invocação com seus colegas de faculdade. — Disse Vanessa, a médica que atendeu Claire e chamou Guilherme.

— Certo, me traga um espelho e depois saia daqui, ninguém pode estar na sala durante o exorcismo. Os dois então ficaram sozinhos com Claire, que estava com suas mãos e pés algemados na cama. Seus olhos estavam completamente pretos, ela tinha vários cortes nos braços e pernas e contorcia todo seu corpo, tirando os ossos da coluna e do pescoço do lugar, e logo depois os recolocava.

— Olá, Vicente! É um prazer. Todos os demônios te conhecem, sabia? — Disse a menina com uma voz grave e rouca.

Acostumado a lidar com demônios, Vicente apenas o ignorou e começou o ritual de exorcismo enquanto seu estagiário o ajudava e tomava notas de todos os procedimentos.

Durante o exorcismo, ele pegou um espelho e colocou em cima da menina, fazendo com que o demônio olhasse o próprio reflexo.

— O que está fazendo? — perguntou o estagiário.

— Quando o demônio vê o próprio reflexo durante o exorcismo, ele sai do corpo e fica preso no espelho.

Porém, algo deu errado. No momento do exorcismo, Claire estava quase morta, e no mesmo instante em que o demônio saiu de seu corpo, sua alma também saiu. E ambos ficaram presos no espelho.

Assustada, Claire olhou ao redor e se viu em uma sala muito escura, tudo o que ela podia ver era o próprio reflexo nas centenas de espelhos ao seu redor.

— Hahaha, você ficou presa aqui comigo! Isso vai ser divertido.

Ao ouvir essa voz, Claire imediatamente percebeu que se tratava do demônio que estava em seu corpo alguns segundos atrás. Ela não sabia para onde ir, não conseguia se lembrar de por qual espelho entrara ali, então, apenas saiu correndo para a direção oposta a da voz.

Correu desesperadamente pela sala enquanto o demônio ria e andava lentamente em sua direção. Até que ela esbarrou em algo, era uma parede, estava encurralada.

Ao seu lado havia um espelho, onde acidentalmente ela bateu a mão e algo estranho aconteceu: sua mão o atravessou. Sem pensar duas vezes, Claire se jogou pelo espelho, deixando o demônio para trás. Aparentemente ele não conseguia atravessar os espelhos como ela.

Ao chegar do outro lado e perceber que estava sozinha, Claire suspirou, aliviada. Mas agora tinha outro problema, como iria sair dali? Ela olhou ao redor, estava em outra sala escura e cheia de espelhos. Só tem uma coisa que posso fazer, Claire pensou. E atravessou o espelho mais próximo dela.

Novamente ela caiu em uma sala vazia, escura e cheia de espelhos.

Vou tentar de novo. Falou para si mesma enquanto atravessava outro espelho.

Dessa vez, ela não caiu em uma sala vazia. Estava escuro, mas ela podia enxergar vagamente uma mulher loira com um vestido branco do outro lado da sala, e ela estava vindo em sua direção. Sem pensar, Claire se jogou dentro de outro espelho.

Novamente ela estava em uma sala escura e vazia.

Ela parou para respirar enquanto pensava no que fazer. De que adiantava ficar pulando de espelho em espelho? Não tem como saber se existe uma saída desse lugar. Ela poderia ficar presa ali para sempre. Não seria melhor apenas ficar parada ali? Pois sabia que era seguro, não havia mais ninguém lá, e provavelmente o exorcista já devia estar tentando ajudá-la.

Claire já estava cansada e ofegante. Decidiu ficar ali mesmo por um tempo, e acabou adormecendo. Algum tempo depois, ela acordou sem saber que horas eram e por quanto tempo tinha dormido. Mas estava cansada de esperar, e se ninguém estivesse tentando ajudá-la e ficasse ali para sempre?

Claire decidiu tentar novamente, porém, dessa vez faria diferente. Ela tirou sua pulseira e deixou no chão da sala, escolheu um espelho, atravessou com cuidado e caiu novamente em uma sala vazia e cheia de espelhos. Então, ela atravessou exatamente o mesmo espelho que havia atravessado antes, e, assim que caiu na sala escura, começou a tatear o chão. Alguns segundos depois, ela encontrou sua pulseira.

É isso! Até que enfim um avanço, agora posso mapear esse lugar! Ela pensou alto.

Claire começou a pular em cada um dos espelhos daquela sala, sempre voltando para o mesmo lugar logo em seguida.

Ela já havia pulado em 47 espelhos, e ainda havia mais 20 naquela sala que ainda não tinha testado. Ao pular no 48, Claire percebeu algo diferente, a sala não era totalmente escura. Um dos espelhos daquela sala estava iluminando todo o resto. Ao se aproximar do espelho, ela conseguiu ver o que havia do outro lado.

Era um salão enorme, onde estava acontecendo algum tipo de festa e havia vários vultos pretos dançando. Era muito estranho, Claire não conseguia ver as pessoas, apenas suas silhuetas. Ela tentou atravessar aquele espelho, mas não conseguiu, era como se houvesse uma barreira separando os dois lados.

Enquanto ela olhava para aquele espelho, um dos vultos a viu, e começou a vir em sua direção. Aos poucos, os outros vultos também se aproximaram, formando uma linha em frente ao espelho. Eles pareciam estar tão confusos quanto ela. Sem saber o que fazer, Claire começou a pedir ajuda, gritar por socorro e fazer gestos, pedindo para que as sombras a tirassem dali.

Enquanto isso...

— Rápido, pegue o kit de invocação — gritou o exorcista.

— O que está acontecendo? — perguntou o estagiário.

— A alma da garota ficou presa no espelho, junto ao demônio — respondeu Vicente.

— Isso é possível? E agora, o que fazemos?

— É possível, mas é muito raro, só vi acontecer uma vez. A pessoa precisa estar quase morta para que o demônio consiga fazer isso — respondeu. — Agora nós temos que invocar a alma dela para fora do espelho, para que ela volte para seu corpo.

Os dois pegaram as velas e o caderno que continha o ritual de invocação, e começaram a invocar seu espírito de volta.

— Precisamos ser rápidos, se ela ficar fora de seu corpo por muito tempo, vai morrer.

Eles acenderam velas, formando um círculo em volta do espelho e começaram a ler o texto em latim.

“Te, spiritum purum, animam vivam, ad mundum vocamus...”

Alguns segundos depois, uma luz saiu de dentro do espelho e Claire se levantou da cama.

— O que foi isso? — ela perguntou.

— Você ficou presa na dimensão dos espelhos — Vicente respondeu.

— Essa parte eu entendi, mas o que eram aquelas sombras do outro lado do espelho? E aquela mulher de branco? E o que é a “dimensão dos espelhos”?

— Você conhece alguma lenda urbana? Ou mitos? — perguntou.

— Sim, a loira do banheiro, Bloody Mary, vampiros...

— Pois então, todos esses seres têm algo em comum, eles são das trevas, suas almas não são puras. E o espelho é mais do que algo usado para refletir sua aparência, ele foi criado pelos deuses para refletir sua alma. Por isso fantasmas ficam presos dentro deles e só podem sair quando invocados. Demônios não podem ver seu reflexo durante o exorcismo porque quando estão saindo do corpo de um humano, eles veem a própria alma e isso os aprisiona. E vampiros não podem ver o próprio reflexo, pois só os vivos podem se ver. Apenas os seres humanos conseguem se olhar no espelho sem sofrer consequências. As sombras que você disse ter visto provavelmente eram de vampiros, na dimensão dos espelhos é assim que eles se parecem.

— Está me dizendo que os seres humanos são “puros”? E que deuses criaram os espelhos?

— Não puros no sentido de serem perfeitos e bons, mas puros porque estamos vivos, e a vida é pura. Qualquer ser que está morto e continua no nosso plano, é impuro — ele falou. — Quando os monstros começaram a andar pela Terra, os deuses viram que os humanos precisavam de uma forma para diferenciá-los e aprisioná-los. Por isso nos deram algo que pudesse refletir as almas. Não só os espelhos, qualquer coisa que possa refletir uma imagem, como câmeras, celulares e até mesmo a água pode ser usada para identificar os monstros.

Tanto o estagiário quanto Claire estavam perplexos com toda essa explicação. Apesar de parecer loucura, fazia muito sentido. Como eles nunca tinham percebido que tantas lendas urbanas e mitos falam sobre espelhos?

Após tudo ser resolvido, o exorcista e seu estagiário voltaram para o hotel para descansar, pois no dia seguinte teriam mais um exorcismo para fazer.



Estação infinita

Esse era o melhor dia de sua vida. Carlos pensou enquanto saía da lotérica. Ganhara o prêmio máximo na loteria, 50 milhões de reais.

Muito empolgado, ele pegou o celular para ligar para sua esposa. Mal podia esperar para ver o rosto de Linda e de sua filha, Maria, quando chegasse em casa.

Ele tentou ligar para Linda, mas ela não atendeu. Tentou novamente, nada. Então foi até a estação de trem, louco para voltar para casa.

Já na estação, Carlos se sentou em um banco e tentou ligar para sua esposa novamente. O telefone tocou algumas vezes, até que um homem atendeu.

— Alô?

— Quem é? Por que você está com o celular da minha esposa?

— Carlos? Meu nome é Pedro, sou da polícia civil...

— E por que está com o celular da minha esposa? Aconteceu algo? — perguntou, impaciente.

— Carlos, poderia vir até sua casa, por favor? Preciso falar com você.

— Por quê? O que houve? Fale logo, está me deixando nervoso! — ele implorou.

— Sinto muito mas... Sua casa foi invadida, e sua esposa e sua filha... Foram assassinadas.

— O quê? — perguntou, em choque.

— Sinto muito, um serial killer fugiu da cadeia, e atacou todos no seu bairro...

Carlos desligou o celular, com lágrimas escorrendo em seu rosto. No mesmo momento seu trem chegou e ele subiu sem pensar, quase automaticamente.

Não havia mais ninguém no trem, ele se sentou no último banco do pavilhão e começou a chorar, desesperado. Torcendo para que fosse apenas um pesadelo.

Quando finalmente despertou do transe em que estava, Carlos percebeu que já havia se passado uma hora. O trajeto do trem até sua casa deveria levar apenas vinte minutos.

“O meu ponto passou e eu nem percebi” Pensou alto. Decidiu então descer na próxima estação e pegar o trem de volta.

No entanto, passaram-se 10, 20, 30 minutos, e o trem não parou.

Desconfiado, Carlos começou a olhar pela janela, tentando descobrir onde estava, mas não via nada.

O trem estava tão rápido que não era possível identificar os borões.

Confuso, ele decidiu sair andando pelo trem, procurando alguém para perguntar onde estavam.

Foi então que se lembrou que o trem estava vazio quando entrou, e parecia continuar assim. No seu vagão não havia mais ninguém. Foi para o vagão da frente, ninguém também. Andou mais um, dois, três vagões, e nada.

Até que, no quarto vagão, viu um homem sentado olhando para a janela.

— Com licença, senhor, sabe me dizer onde estamos?

— Sim, na estação 25.

Carlos ficou mais confuso ainda, não sabia que as estações tinham números, ele sempre usava os nomes.

Do outro lado do corredor, havia um mapa, indicando todas as estações. Ele procurou pela estação 25, e encontrou um tracejado vermelho, indicado por esse número, que parecia dar a volta na cidade toda.

Ainda mais perdido, ele recorreu ao mesmo senhor, que era o único no trem.

— Pode me dizer o nome da estação? Não entendi bem como funcionam os números.

— Não tem nome, mas todos a chamam de estação infinita.

— Como assim?

— É porque esse trem fica dando voltas, quem entra aqui, nunca mais sai.

— Como? — Carlos perguntou, mas logo se arrependeu, pois estava claro que aquele senhor não estava em seu juízo perfeito.

— Por que está tão desesperado para voltar para casa? — quis saber o passageiro.

— Desculpe?

O senhor se virou para ele, mostrando seu rosto pálido e magro, com olheiras enormes.

— Por que quer tanto voltar para casa? Não tem nada lá, sua esposa e filhas estão mortas.

— Como sabe disso? Quem é o senhor?

— Você não tem para quem voltar, de que importa onde estamos, se não tem para onde ir?

Apavorado, Carlos começou a correr em direção à frente do trem, torcendo para haver um maquinista, mas não havia, a locomotiva era automática.

— Eu quero sair daqui! Socorro! Por favor, alguém! — ele começou a gritar enquanto corria pelos vagões, na esperança que alguém aparecesse.

— Ninguém pode te ajudar, você está sozinho aqui, para sempre! — disse o senhor, e logo depois, ele desapareceu. Deixando Carlos sozinho no trem.

A velocidade do trem parecia aumentar cada vez mais, morrendo de medo e sem saber o que fazer, ele chutou a janela de um dos vagões, quebrando o vidro, e saltou para fora.

Assim que o fez, viu que estava caído no trilho, e nesse mesmo instante, um trem o atropelou.

Todos que assistiram à cena ficaram chocados. A polícia foi chamada, e todas as pessoas interrogadas diziam o mesmo:

O homem estava sentado no banco há meia hora, quando o trem apareceu, ele se levantou e se jogou nos trilhos. Se suicidando.

Após alguma investigação, ficaram sabendo da morte de sua esposa e filha, e fecharam o caso, declarando que ele havia se suicidado.



Os policiais chegaram na cena, e se depararam com a pior imagem que já viram em suas vidas:

Dezenas de jovens mortos, cobertos de sangue, ossos expostos, crânios afundados...

Aquela cena era tão perturbadora, que com certeza jamais a esqueceriam.

Todos se perguntavam o que havia acontecido ali. Apesar de muitas pessoas terem chamado a polícia, nenhuma estava lá no momento do crime.

Ninguém sabia como aquilo tudo aconteceu, mas havia centenas de teorias. Um serial killer? Suicídio em massa? Uma brincadeira de mal gosto que deu errado?

Todos tinham suas opiniões, mas ninguém as provas concretas.

Uma multidão cada vez maior se juntava do lado de fora da faixa de não ultrapasse, discutindo e tirando fotos, como se fosse uma exposição.

Enquanto isso, do lado de dentro da faixa, uma menina chorava, desesperada.

“Eles nunca vão saber... nunca vão entender... mas eu preciso, preciso que eles saibam”.

Algumas horas antes, ela estava com seus amigos andando pela rua, quando se depararam com um parque de diversões.

— Desde quando esse parque está aqui? — Emma perguntou.

— Não sei, aqui sempre foi um terreno baldio — Maurício respondeu.

Curiosos, os adolescentes decidiram entrar no parque.

Todos os brinquedos estavam ligados, no entanto, não havia ninguém neles.

— O parque deve ser novo, vamos comprar os ingressos — Raquel disse, animada, pois sempre amou parques de diversões.

Eles rodaram o parque inteiro, mas não encontraram ninguém vendendo ingressos.

— Que coisa estranha, parece que não tem nenhum funcionário — Emma comentou.

— Será que o parque fechou e alguém esqueceu de desligar os brinquedos? — sugeriu Maurício.

A explicação dele não parecia fazer sentido, mas não havia nenhuma outra, então apenas concordaram.

— Vamos entrar nos brinquedos! — gritou Leonardo, correndo para a escada da montanha-russa.

— Espere, não podemos fazer isso! — disse Emma.

— Não se preocupe, a gente volta aqui amanhã e paga pelos ingressos — Raquel sugeriu, e todos concordaram com a ideia.

Todos começaram a subir na escada para a montanha-russa, e, ao chegar no fim dela, pularam para dentro dos carrinhos.

Nesse momento, o parque desapareceu. E o antigo terreno baldio que sempre estivera ali, voltou a ficar visível.

Já era tarde demais para os adolescentes voltarem atrás. Assim que pularam, perceberam que não estavam na escada da montanha-russa, e sim no topo de uma viga enorme, com mais de 50 metros de altura.

Todos caíram no chão, e morreram instantaneamente.

Agora Emma sabia, mas de que adiantava? Não podia voltar para o passado. O parque de diversões maldito só aparecia uma vez por ano, às 11:32 da noite, e todos que entram nele, tem seu destino traçado.

Os espíritos estavam ali, olhando a multidão curiosa, tentando falar com eles, alertar do perigo, mas não conseguiam.

Ninguém nunca saberá, até que seja tarde demais.



garota assassina

Uma família estava voltando para sua casa de noite, quando uma criança se aproximou deles.

A menina estava com um vestido sujo de terra, e um machucado feio na testa, mas não sangrava.

Preocupados, o casal se aproximou da menina, tentando ajudá-la. Porém, assim que chegaram perto dela, a menina puxou uma faca, e esfaqueou repetidas vezes a barriga da mulher.

Em choque, os dois filhos do casal ficaram ali, parados. Enquanto seu pai tentava segurar a menina. Ela era muito mais forte do que parecia, levou alguns minutos para que conseguisse contê-la, e, quando conseguiu, já era tarde demais.

Sua mulher estava morrendo, e seus filhos gritavam, apavorados.

A garotinha ficou muito brava por ser interrompida, e atacou o homem, cortando seu rosto.

Algumas horas depois, a polícia chegou à cena do crime, onde a família toda foi brutalmente assassinada, exceto o pai, que fora amarrado na árvore e obrigado a assistir tudo.

O homem descreveu a garota para a polícia, que não parecia acreditar nele. Como uma criança seria capaz de fazer isso? O policial perguntou, mas Jorge não sabia responder.

No dia seguinte, a polícia foi chamada novamente, mais um assassinato. Três mulheres que estavam voltando para casa depois de um dia cansativo no trabalho. Elas foram torturadas por horas antes de morrerem. E, por mais que gritasse por socorro, estavam em uma rua vazia, ninguém as escutou.

Os dias foram se passando, e cada vez mais corpos surgiam. Raramente alguma testemunha sobrevivia, mas todas as que conseguiam, contavam a mesma história, foram atacadas por uma garotinha com um machucado na cabeça.

Os policiais acreditavam se tratar de algum tipo de alucinação em massa, no entanto, Luiz desconfiava que de alguma forma as vítimas poderiam estar certas. Afinal, por que pessoas diferentes em lugares diferentes teriam a mesma ilusão? Ou inventariam a mesma história?

Durante as investigações, uma sobrevivente contou a Luiz que a menina ficou de costas para ela por um momento, e ela conseguiu ver que o machucado da garota, na verdade, era um buraco de bala que atravessou sua cabeça.

Luiz decidiu voltar para a delegacia, e pesquisar no sistema se alguma menina havia sido baleada recentemente, e encontrou os documentos de Letícia, uma garota de sete anos que fora assassinada junto aos pais.

Não fazia sentido, a garota estava morta, certo? Mas nada fazia sentido nesse caso, então Luiz prosseguiu com a investigação. Foi até o cemitério em que Letícia foi enterrada e procurou pelo seu túmulo.

Ao encontrá-lo, viu que o túmulo estava aberto e vazio.

Aquilo era muito estranho, Luiz tentava entender tudo o que vira enquanto saía do cemitério, pois já estava anoitecendo.

Ao sair, viu que, do outro lado da rua, perto de seu carro, havia uma menina com um vestido sujo de terra.

“É ela?” Ele se perguntou, enquanto se escondia atrás de uma árvore.

A menina andava pela calçada, parecia estar brincando, quando uma jovem se aproximou dela.

— Oi garotinha, você está perdida?

No mesmo momento, Letícia ergueu uma machadinha e atacou a jovem. No entanto, o policial conseguiu correr e segurar sua mão antes que ela desferisse o golpe.

Com muito esforço, ele conteve a menina, e a algemou. Quando finalmente pode parar para respirar, percebeu que as testemunhas estavam certas, ela tinha claramente levado um tiro. Era possível ver através de sua cabeça pelo machucado.

Luiz ligou para a delegacia e explicou o ocorrido, levando a garotinha com ele para interrogá-la. No entanto, ela não falava. Parecia nem entender o que perguntavam.

Até que chegou o médico chamado para examiná-la, e ele determinou que ela não respirava nem tinha batimentos, estava morta.

— Como pode estar morta? Ela anda, e é mais forte que muitos adultos! — indagou Luiz.

— Um zumbi, talvez? — sugeriu um policial.

Enquanto conversavam, a menina se soltou e tentou pegar a arma de um dos policiais, que por sorte reagiu a tempo e conseguiu prendê-la de volta.

— Precisamos amarrá-la! — falou o delegado.

— É só uma garotinha! — Luiz disse.

— Uma garotinha assassina que está morta! — retrucou o delegado.

Eles prenderam-na em uma cadeira e começaram a examiná-la. Porém, algumas horas depois, ela morreu.

O legista examinou seu cérebro e descobriu que havia modificações químicas, que faziam com que o corpo de um morto pudesse se levantar e até atacar pessoas. No entanto, a dúvida permaneceu: Quem abriu seu túmulo e fez as modificações?



Jardim dos segredos

Esse jardim é tão lindo... não é cuidado há anos, desde que o dono da casa morreu, no entanto, as flores estão cada vez mais lindas, crescendo por todos os lados. Sem ninguém para podar as árvores e arbustos, eles crescem em todas as direções, trazendo vida para o local. As borboletas e beija-flores amam esse lugar, estão sempre voando por aqui.

Venho aqui todos os dias, e fico admirando esse lugar maravilhoso, olhando assim, até me esqueço do que aconteceu aqui.

Há 23 anos, uma família construiu essa casa maravilhosa, a esposa do dono entendia muito de decoração, e cuidou para que cada detalhe fosse perfeito, desde os pilares brancos com adornos simples e encantadores que sustentam a casa, quanto cada móvel e objeto, tudo minuciosamente escolhido.

Gustavo, o filho do casal, que tinha apenas 7 anos na época, adorava brincar no jardim. E, quando seus pais não estavam olhando, usava seu estilingue para matar os pássaros e gatos que passavam por aqui. Os pais nunca souberam, ele sempre enterrava os cadáveres.

Quando tinha 15 anos, seus pais faleceram de uma doença desconhecida. Aparentemente, o coração dos dois parou de bater ao mesmo tempo, o legista não conseguiu explicar.

Então, aos 18 anos, a casa passou a ser apenas de Gustavo, e ele adorava, se divertia muito nesse lugar.

Saía para festas, encontrava alguma moça bonita e a trazia para cá. Foi o que ele fez comigo.

O conheci em uma balada, 5 anos atrás. Ele foi muito gentil e atencioso comigo. Confesso que quando ele me chamou para vir para a casa dele, fiquei receosa, pois havia acabado de conhecê-lo.

No entanto, ele era um cara tão legal, pensei que não teria problema ir à casa dele.

Quando chegamos aqui, ele abriu a porta e deixou que eu entrasse primeiro. Enquanto eu admirava a decoração desse lugar, ele me agarrou por trás e colocou um pano no meu rosto.

Tudo ficou escuro, fui perdendo a consciência aos poucos, até que desmaiei. Acordei algumas horas depois, confusa. Quando olhei para o lado, vi uma perna decepada, a poucos centímetros de mim. Gritei de medo, me levantei para correr, vi que tinha algo na minha frente e desviei, demorei alguns segundos para entender que, o que estava na minha frente, era uma cabeça humana, a minha cabeça. O corpo esquartejado que estava vendo era o meu. Meus braços e pernas estavam jogados em cima da cama, que estava cheia de sangue.

Era isso, eu estava morta.

— Ela já percebeu — ouvi uma voz feminina falar atrás de mim.

Me virei, e vi uma mulher linda me olhando.

— Sinto muito querida — ela disse.

Conversei com ela por algum tempo, e descobri que ela havia morrido da mesma forma que eu, e não éramos as únicas. Aos poucos, conheci 37 mulheres, todas foram mortas por Gustavo, naquela mesma casa.

Alguns minutos se passaram, e ele voltou para recolher meu corpo e enterrá-lo no jardim.

Três anos depois, eu já havia feito amizade com as outras meninas, e acabaram surgindo mais quatro.

Tentávamos impedi-lo todas as vezes, mas não há muito que um fantasma possa fazer, não podemos interferir no plano dos vivos.

Até que, um dia, Gustavo conheceu a Alice, foi a última mulher que ele trouxe para cá. Ela era uma mulher muito inteligente, além de lutar karatê e krav magá desde criança.

Gustavo usou a mesma técnica de sempre com ela, deixou que entrasse primeiro enquanto preparava o pano com clorofórmio para sedá-la. Porém, do outro lado da sala, havia um vaso feito de vidro, e Alice estava olhando para ele, quando viu no reflexo o que Gustavo estava fazendo. Com uma agilidade incrível, ela conseguiu imobilizá-lo, e ligou para a polícia.

Desesperado, ele pegou o primeiro objeto que viu, um livro, e tentou bater nela. Alice se assustou com o golpe inesperado, e Gustavo aproveitou para se soltar e tentar agarrá-la pelo pescoço.

Os dois começaram a lutar, ele a agarrou, mas ela conseguiu se soltar e tentou imobilizá-lo novamente, mas não conseguiu. Gustavo desferiu um soco em seu rosto, com toda sua força, e Alice quase desmaiou. Ela se afastou para poder se recuperar, e, quando veio para cima dela novamente, Alice usou toda sua força para dar um chute em sua traquéia, matando Gustavo asfixiado.

Então a polícia chegou, Alice contou o que aconteceu e os investigadores encontraram os corpos de todas as 41 mulheres enterradas no quintal.

Como eu disse, fantasmas não podem interferir no plano dos vivos, mas, assim que Gustavo morreu, pudemos fazer o que quiséssemos com ele, e fizemos.

Ele foi torturado por meses por quase todas as meninas que aqui morreram. Inclusive por seus pais, que até então eu nunca havia conhecido.

Já faz dois anos que tudo isso aconteceu, e muitas das meninas que foram mortas por Gustavo decidiram sair daqui e seguir em frente. Ele também saiu assim que pode, para fugir das que ficaram.

Mas eu, eu amo tanto esse jardim... Acho que prefiro ficar aqui mais um pouco, para admirar a vista.



Verdade ou desafio

A casa estava uma bagunça, claramente houve uma festa ali algumas horas antes. Dezenas de adolescentes bebendo e fumando, mas, um a um, foram embora, deixando suas bebidas e drogas jogadas pelo chão.

Por fim, sobraram apenas os quatro adolescentes, dentre eles, Amanda, a qual os pais haviam viajado e deixado-a sozinha em casa.

Então eles decidiram jogar verdade ou desafio.

— Desafio — pediu Michel.

— Eu te desafio a entrar em uma casa e roubar algo — falou Gabriel.

— O quê? Você está maluco?

— Qual o problema, Michel, tá com medo? — Gabriel riu.

— Você não pode estar falando sério — disse Amanda — Ele pode ser preso!

— Todo mundo aqui poderia ser preso, estamos usando drogas, bebendo e alguns ainda saíram daqui dirigindo! Não venha dar uma de moralista agora. Dentre tudo o que fizemos, essa é a coisa mais fácil, é só encontrar uma casa vazia e entrar.

— Ah, tá, super fácil! — comentou Joana, sarcasticamente.

— Quer saber, eu topo, mas com uma condição, eu desafio todos vocês a irem comigo! — decidiu Michel.

Depois de alguma discussão, todos eles estavam no carro, rodando a cidade e procurando um lugar para invadir. Após passarem por vários bairros, encontraram uma casa que parecia abandonada. Não havia nenhuma luz acesa, o portão estava quebrado e as portas e janelas, abertas.

— É essa! — exclamou Joana, apontando para a casa.

— Mas essa não conta, está claramente abandonada! — reclamou Gabriel.

— Você não especificou que a casa tinha que ser habitada! — respondeu Michel, rindo.

Todos desceram do carro e foram caminhando em direção à casa. Ao passarem pelo portão, perceberam que havia uma árvore enorme no quintal, cheia de garrafas penduradas.

— Que coisa mais estranha — comentou Amanda.

Eles passaram pelo jardim e chegaram na porta da casa, que estava apenas encostada. Ao empurrarem, ouviram o tilintar de um sino. Atrás da porta, na parte de cima, havia uma sineta pendurada, que tocava sempre que a porta abria.

Os adolescentes se assustaram com o barulho e ficaram parados por um instante, com medo de que alguém os tivesse ouvido.

— Relaxem, essa casa está vazia e fica no meio do nada, não tem ninguém por perto! — falou Gabriel.

Eles continuaram andando pela casa, que estava toda mobiliada. Os móveis eram antigos, mas estavam limpos. Nas paredes havia quadros antigos, em preto e branco, e na passagem da sala para a cozinha havia uma espécie de cortina feita com vários barbantes e papéis coloridos pendurados.

A cozinha estava cheia de velas vermelhas, e, ao adentrar no cômodo, Amanda chamou os outros, sussurrando:

— Vocês têm que vir aqui!

— O que foi, Amanda? — perguntou Joana, se aproximando junto aos meninos.

Amanda apontou para a pia, que estava cheia de louça suja.

— Você está incomodada com a louça suja? — comentou Michel, e todos riram.

— Não, seus idiotas, a louça suja prova que alguém mora aqui! Se não, essa pia já estaria cheia de insetos!

— Virou detetive agora? — perguntou Michel, tentando esconder o medo de Amanda estar certa.

— Vamos logo! Escolham o que vão roubar e vamos cair fora daqui! — exigiu Amanda.

— Certo, certo, eu vou pegar essa vela aqui e vamos embora, ok? — falou Michel, pegando uma das velas vermelhas.

Eles começaram a caminhar em direção à porta, quando uma voz rouca vinda de trás deles, falou:

— O que estão fazendo aqui?

Eles se viraram, e se depararam com uma senhora de cabelos brancos desarrumados, segurando uma faca.

— Seus vagabundos, vocês estão ferrados! — ela gritou, rindo. — Que o diabo siga todos os seus passos e que as trevas estejam com vocês até o fim de suas vidas!

Eles ficaram parados, sem saber como reagir por um segundo.

— Desculpe, senhora. Não sabíamos que havia alguém morando aqui, já estamos indo embora — Amanda se virou em direção à porta, e os outros a acompanharam.

— Não! — gritou a senhora. — Vocês não vão levar minha vela! Seus bandidos!

No mesmo instante, um vento muito forte surgiu e bateu a porta da sala, emperrando-a.

Eles gritaram e tentaram desesperadamente abrir a porta, mas não conseguiram.

Amanda, assustada, tentou correr para longe da senhora, mas acabou tropeçando em um fio, que a fez torcer o tornozelo.

Joana se aproximou da amiga para tentar ajudá-la, no entanto, ao chegar perto dela, escorregou e a cortina de barbantes se enroscou ao redor de seu pescoço, quase estrangulando-a.

— Senhora, por favor, pare com isso! Aqui, estou devolvendo a vela, mas por favor, eu imploro, deixe que meus amigos e eu saíamos daqui! — pediu Michel, tremendo.

Assim que colocou a vela sobre uma mesinha de centro que estava no meio da sala, Michel caiu e bateu a cabeça na quina da mesa, ficando inconsciente.

— Socorro! Socorro! Socorro! — Gabriel começou a gritar, desesperadamente.

Ao lado da porta havia uma janela de vidro, Gabriel tentou abrir-la, mas também estava emperrada. Então, sem ter mais para onde fugir, ele tirou sua blusa, enrolou em sua mão esquerda e quebrou o vidro com um soco. E assim que socou a janela percebeu que havia quebrado-a com a mão direita. Sua mão estava cheia de cacos de vidro e sangrando bastante, por tanto, ele colocou a blusa na outra mão, que latejava de dor, para estancar o sangramento.

“O que aconteceu?” Gabriel perguntou a si, pois sempre fora canhoto, por que logo agora escolhera usar a mão direita?

Enquanto isso, Joana conseguiu se soltar da cortina, e ajudou Amanda a se levantar. Ela ainda estava com muita dor, não conseguia ficar em pé direito. Então Joana a ajudou a caminhar até a janela que Gabriel havia quebrado.

As duas atravessaram a janela, enquanto Gabriel voltou para buscar Michel, e o carregou para fora. A velha estava parada, assistindo a tudo, com um sorriso no rosto.

Eles saíram correndo pelo quintal, e, assim que chegaram na calçada, viram uma viatura da polícia se aproximando.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou o policial, que ouvira os gritos enquanto fazia sua ronda.

— Tem uma bruxa... Ela nos amaldiçoou... — começou Amanda.

— Íamos invadir a casa, achamos que estava vazia, quando uma bruxa apareceu... — Gabriel disse, ao mesmo tempo.

— Precisamos de uma ambulância... Nosso amigo está desacordado... Ela torceu o pé, e ele se cortou com cacos de vidro... Fomos enfeitiçados... — falou Joana.

— Calma, calma! Um de cada vez!

Vendo que estavam machucados, o policial chamou uma ambulância pelo rádio, e voltou a conversar com os adolescentes.

— Então, vocês entraram nessa casa e acabaram se machucando, é isso?

— Não, foi a bruxa que mora na casa, ela nos amaldiçoou — explicou Amanda, tremendo.

O policial soltou uma gargalhada.

— Crianças... A mulher que mora aí não é uma bruxa, é apenas uma idosa que perdeu a sanidade mental há muito tempo!



Trevas infernais

Acredito que todos vocês conheçam as trevas infernais que se passaram nos últimos meses, começando em 536 D.C. Fui um dos poucos sobreviventes e decidi narrar aqui tudo o que passei, para que as próximas gerações estejam preparadas, quando e se as trevas voltarem.

Há 18 meses, o monge entrou em meu quarto escancarando a porta, e começou a me chacoalhar e gritar para que eu acordasse. Me levantei, ainda confuso e sonolento, enquanto ele me levava até a janela no corredor.

Tudo estava escuro, no começo não entendi, mas, após alguns segundos, me dei conta de que já eram 11 da manhã.

Sei que é estranho estar escuro a essa hora, no entanto, não me parecia necessário fazer tanto alarde. Como já havia me levantado, fui me arrumar e, poucos minutos depois, me chamaram para uma reunião de emergência na torre oeste. Meu quarto ficava do outro lado do mosteiro, então, precisei atravessar todos aqueles corredores de pedra fria para chegar ao local.

Lá, os monges e freiras estavam em pé, inquietos, aguardando o monge Vicente, que passaria as instruções.

Assim que ele entrou na sala, todos ficaram em silêncio, aguardando seu pronunciamento.

— O que estamos vivendo agora é um castigo! Está muito claro que Deus está descontente conosco, e, enquanto não mudarmos isso, viveremos em escuridão!

Todos ficaram em choque com esse pronunciamento, eu não sei como ele chegou àquela conclusão.

— Temos que avisar a toda a população, para que se arrependam de seus pecados, e lutem contra os pagãos, só assim poderemos viver na luz novamente.

Um tumulto começou, todos tinham sugestões de como resolver o problema, e muitos estavam desesperados com a situação.

Assisti tudo em silêncio. Achei completamente desnecessário aquele pronunciamento repentino. A escuridão surgira há poucas horas, e já queriam causar uma histeria coletiva sem nem investigar o que estava de fato acontecendo.

Sou monge e sempre servirei a Deus, mas odeio essa mania da igreja de não procurar explicações para os fatos antes de saírem pregando que Deus está nos punindo.

Também sou cientista, e decidi investigar por conta própria o que estava havendo. Sai do mosteiro, fui até a aldeia mais próxima e perguntei para todos os que encontrei se acontecera algo na noite anterior.

Após algumas horas de investigação, soube que houve um tremor, como um pequeno terremoto durante a noite, e que, de manhã, cinzas começaram a cair do céu. Unindo todas as informações, cheguei a uma conclusão óbvia: o tremor deve ter causado a erupção de um vulcão, e isso explicava as cinzas e a escuridão.

Voltei para o monastério e tentei contar isso para os monges, mas, assim que Vicente ouviu minha explicação, me acusou de colocar a ciência acima de Deus.

Alguns dias se passaram e tudo continuava escuro. O sol se reduzira a um pequeno círculo vermelho, quase invisível, e a lua nem aparecia mais. A escuridão tomara conta de toda a cidade, não sei dizer se o resto do país ou do mundo estava daquele jeito também, e também não tinha ideia de quanto tempo teríamos que viver naquele breu.

A igreja insistia em espalhar que Deus estava nos punindo. Tentei convencer as pessoas com a minha teoria, até que os monges perderam a paciência e me expulsaram do monastério.

Fui morar em uma cabana na aldeia, e fiz amizade com os aldeões. Todos estavam assustados, mas consegui acalmá-los, convencendo-os de que aquilo logo acabaria. No entanto, eu não poderia estar mais enganado.

No dia seguinte, ouvi gritos vindo da rua e corri para ver do que se tratava. Assim que cheguei lá, apesar da escuridão, consegui ver vultos correndo para todos os lados. Acendi uma tocha, e então,

me deparei com a pior cena que já vi em toda minha vida: seres altos, brancos e muito magros, mordendo os aldeões com seus dentes enormes e sugando seu sangue, até que secassem completamente, e, então, os monstros partiam para a próxima vítima.

Fiquei atônito, queria fugir, ao mesmo tempo que queria ajudar aquelas pessoas, mas tudo o que conseguia fazer era tremer e encarar aquela cena apavorante, torcendo para que fosse um pesadelo.

Quando finalmente consegui me mover, percebi que não estava sendo atacado. No começo, agradei a Deus, pois só ele poderia estar me protegendo, certo? Porém, logo após me dei conta, por que ele protegeria a mim e não aos outros? Por que eu mereço ser salvo mais do que qualquer um?

Essa dúvida me fez pensar por alguns segundos e enfim percebi que o que estava me protegendo, na verdade, era a tocha. De alguma forma esses bichos pareciam ter medo da luz. Faz sentido, pensei. Afinal, os monstros só apareceram depois que a escuridão começou.

Não sei de onde tirei coragem para fazer isso, mas comecei a me aproximar dos seres e colocar a tocha no rosto deles. Assim que o fiz, eles começaram a soltar um grito agudo e estridente, e logo em seguida corriam para longe da luz.

Dessa forma, consegui salvar alguns aldeões, fiz tochas para eles, os levei para minha casa e lá ficamos por algumas horas.

Os dias passaram e a escuridão continuava. Sempre que ouvia alguém gritar, os aldeões e eu corríamos para socorrer e trazíamos a pessoa para minha casa.

Meses depois, minha casa já estava lotada, mal tínhamos espaço para dormir e a comida estava acabando.

Decidimos sair para procurar comida e um lugar maior para ficar, e assim fizemos. Encontramos uma casa maior, com alimentos e ali nos estabelecemos, até que nosso grupo ficou muito grande e tivemos que procurar outro lugar.

Os meses seguiram e nós passamos boa parte do tempo em alguma casa, jogando, conversando e rezando. Sempre que ouvíamos alguém gritar, tentávamos ajudar, e quando a comida ou o espaço acabavam, nos mudávamos para outro lugar.

Infelizmente, tivemos muitas perdas, pois, apesar de tentarmos, não conseguimos salvar todos. Muitas vezes, quando tentávamos ajudar alguém, chegávamos tarde demais. E, durante nossas buscas por alimento e abrigo, algumas tochas se apagavam e a pessoa era atacada.

Dezoito meses se passaram e, finalmente, a luz do sol voltou a brilhar. Foi um alívio acordar e ver a luz entrando pela janela. Todos estavam tão felizes que saíram cantando e dançando pela rua. Apesar de todas as perdas, o nosso grupo havia sobrevivido e no fim, havíamos salvo centenas de pessoas.

Após comemorar com meus novos amigos, fui até o monastério, e, assim que entrei, senti o cheiro putrefato que tomava conta do lugar. Infelizmente todos os monges e freiras que ali residiam estavam mortos, com seus cadáveres espalhados pelo chão.

Nas ruas as coisas não estavam muito melhores. Corpos por todos os lados e o mesmo cheiro de cadáveres em decomposição.

Ver tudo aquilo foi assustador, sempre me lembrarei de tudo, desde o primeiro ataque que presenciei, cada um dos integrantes do meu grupo que perdi, e aquela visão infernal que tive, de todos os corpos deixados pelos monstros.

Porém, acabou. Agora só nos resta limpar tudo, dar um funeral digno para cada uma dessas pessoas, e voltar a viver nossa vida, reconstruindo a civilização.



Muito obrigada por ter lido até aqui. Espero que tenha gostado! E, por favor, avalie esse livro na Amazon, me ajuda bastante.

Minhas redes sociais:



@LudWitch



@ludwitch

Ilustradora: Manu Roberta



@Manurobertads



@Manurobertads

